

## *Phármakon*

Conto de Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

*A essência do phármakon é que, não tendo essência estável, nem caráter próprio, não é, em nenhum sentido da palavra (metafísico, físico, químico, alquímico), uma substância. O phármakon não tem qualquer identidade ideal, é aneidético”.*

Jacques Derrida



O vírus, com reminiscência clássica, por PFC

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (suspensão devido ao exercício daquele primeiro cargo).

**Primeiro Post**

Caras e Caros Amigos:

Desde já preciso de vos prevenir: não me digais que eu me contradigo, hoje. Não tiro uma palavra do que sempre disse. Hoje explico e acrescento, nadíssima mais, nadíssima menos.

Pois é. Nestes tempos de peste, é comum que se elevem vozes de profecia, de terror, de fanatismo. O moralismo é uma das respostas ao beco sem saída. Ao culpar os outros, direta ou indiretamente, aliviemos a consciência. Ficamos com a sensação de ter cumprido um dever. E isso de ter afinal a chave das culpas e poder, com autoridade e voz empolada, apontar a razão dos males, não dá assim uma sensação de superioridade? Porque a busca de superioridade, e outras (todas) as demais coisas que se cobiçam, não cessaram por estarmos em pijama, em frente do computador. Longe disso. Pensamos talvez até mais nos nossos desejos, e como ficaram mais longe de alcançar.

Pois, pois: castigo divino, e porquê? Castigo pela imoralidade, pela *pouca-vergonha*, essa é a versão de pregador, desses que fazem milagres na hora. Mas não são os únicos nesse plano da punição retributiva superior. Há também a alusão mais difusa, sem abrir o jogo de invocar uma conexão evidente. Ela estará então pressuposta: a pandemia seria, nesse caso, decorrência do materialismo (e consequente mau cuidado do planeta, desinvestimento ou sub investimento sanitário, etc.). Isso é mais conversa de intelectual, de um certo tipo de intelectual, que não teria coragem de considerar o vírus direta praga do Egito, punição *post hoc, ergo propter hoc* dirigida por uma divindade vingadora. Este discurso, porém, tem idêntica raiz ao da praga pelos pecados do mundo.

É fácil e é popular perorar com ar sábio e consternado sobre o terrível materialismo da nossa sociedade. E há os que julgam que o remédio dos males é clamar contra eles. Basta esconjurar o mal, e ele vai-se.

Clamam então, e rasgam as vestes, que perdemos os valores! Ou até, convocando as rotações dos astros, proclamam a sua inversão.

Eles estariam, pois, invertidos: passando o bem pelo mal. E muito vice-versa. E que antigamente, ah, antigamente, a vida era tão boa e bela (recordo uma cançoneta com várias versões – e cantarolo). Era bela, era! Porque *pobretes mas alegretes*.

Mas, como sabeis, não é nada disso: afinal de contas, rememoramos as solenidades televisionadas a preto e branco, todas só com homens de cinzento e muitas calvas polidas (uma ou outra mulher decorativa, recatada e do lar... em lugar subalterno ou exposta em montra... mas isso são outros contos), e gravatas. Tudo engravatado, pois: gravatas negras e, não há muito, alguns chapelinhos ainda. Lembra-te da estória do homem que mandava que se andasse de chapelinho? O tal das botas. Pode-se identificar uma pessoa por qualquer partícula de ADN, e pelas coisas exteriores: pelo vestuário, mesmo o mais periférico, como o da cabeça e o dos pés. A pessoa é como é, dos pés à cabeça. Chapelinho e botas...

Pois nesse tempo tudo era a preto e branco, e obviamente também as vestimentas sacramentais, e isso parecia calmo e sério. Como quando se invocava algo ter *aparecido na televisão* para ter caução segura de veracidade.

Há um embalar algo sinistro desse saudosismo – não o sentes? Até de pessoas de bem. Sabe-se lá se algum dia (já passei por tanta coisa), eu não terei resvalado, escorregado, nas cascas de banana dessa retórica. A qual se funda, aliás, numa estrutura antropológica consabida: *a saudade* (que não é só portuguesa, aqui – tão bonito o fado que fala do marinheiro cantando de saudade na amurada de um navio, e como é pena o texto não ter música embutida quando descreve o canto). Sim, a saudade que é imaginação do vivido e transcorrido: da infância, da adolescência, da juventude, e em geral dos tempos passados, que doiramos onto- e filogeneticamente. A menos que tenhamos mesmo passado duras passas do Algarve, ou províncias mais ásperas – que o Algarve, não sei (não recordo) como são as suas passas, é lugar onde se passa muito bem. Mas adiante.

Há um saudosismo que muitos embrulham de um espiritualismo que não havia só porque não se dispunha (não dispunham os pobres – que são todos os que precisam de trabalhar para viver; o que alguns julgam serem pobres são pior, estão pior: são indigentes – palavra em desuso; aliás, hoje o chique são coisas como “hipossuficientes” e outras curiosidades do dicionário) de bens materiais ao desbarato.

Sim, a mim também me repugna, chega a enjoar-me, aquele ritual alarve de encher carrinhos e carrinhos de supermercado com guloseimas e bebidas, ou produtos especialíssimos híper de beleza, e não sei mais que magias adjacentes. Como se se comprasse assim a felicidade.

Sim, a mim também me incomoda a brutalidade das relações entre as pessoas, presas, objetos, degraus submissos ou submetidos para a triunfal subida dos outros, descartáveis, usáveis e que se deitam fora. Puros consumíveis. E mais que tudo se esquecem e de nada valeram. Crime pior que todos é o de se esquecer um nome.

Sim, sim: a mim também revolta a violência, e a guerra. Que calamidade, a guerra. Penso muito se, em vez do vírus, tivesse caído sobre as nossas cabeças inocentes (que numa guerra as cabeças das gentes normais são inocentíssimas) uma guerra. Era horrível. Mas de uma guerra (é um lugar comum agora... mas quando os lugares comuns são a forma de dizer as coisas, que se pode fazer?) sempre se pode fugir. Dizia alguém que o tempo era inimigo subtil *que ataca fugindo*. Pois o Corona, tiro-lhe o chapéu (a uma corona há que tirar o chapéu: está hierarquicamente uns pontos acima): é mais subtil que o subtil tempo. Ataca numa eclosão profusa, numa expansão genesíaca. Há quem diga que nem sequer é um ser vivo, mas é uma prova da perenidade da vida, mesmo que essa vida implique a morte de milhões.

E já refletiste bem como ele é uma metáfora de todo o processo de vida, que esquecemos frequentemente quando (vivendo acima das nossas posses, dirão alguns) nos banqueteamos com carnes, peixes, bacalhaus e mariscos? Não morreram eles todos para que vivas tu, e regalado? Vida e Morte, faces do mesmo Janus. Rostos da mesma realidade.

Mas falávamos da guerra e da morte. Pois não me digam que ontem, que foi ontem que todos nós ainda vivemos, não havia nem guerra, nem violência, nem brutalidade. Felizmente, havia uma coisa curiosa...

Há ainda uma coisa curiosa... Um remédio, que não deixa de ser veneno: remédio, porque cura, veneno, porque não deixa ver a realidade. Funciona como uma espécie de filtro. São vários filtros, mesmo.

Um é esse filtro da memória. Lembras-te, envolvendo o que ocorreu numa nuvem qualquer. Podes dar-lhe o sentido que preferires. Normalmente podes ser o

herói da fita. Se tiveres uma tendência depressiva, serás a vítima. O filtro da memória é um dos filtros mágicos que podes manipular.

Mas há mais. Mesmo na guerra podes, se fores criança, fingir que é tudo um jogo. E é possível teres o teu direito à felicidade cumprido entre bombas e escombros. O direito ao faz-de-conta pode acompanhar-te pela vida fora, e podes comprar com ele uma falsa felicidade nas situações mais deprimentes: não achas que o escravo foi feliz num dia de sol, ou naquele lapso de tempo em que o chicote ia e voltava às suas costas rasgadas e sangrentas? Um nada pode fazer a momentânea felicidade. Não é isso que se tenta obter, sofregamente, comprando, ou suscitando elogios, palmas, ou piropos com um mínimo de elegância (outros são agressivos, e funcionam ao contrário: as coisas são sutis)? Há quem não consiga desligar-se do seu vício de suscitar elogios, olhares admirativos, olhares cobiçosos, olhares enlevados, aplausos, declarações, ou simplesmente convites, todo o tipo de convites. E os que se cansam e deploram os convites, fazem-no as mais das vezes para ostentação da vaidade. O que se diz é, para alguns, exatamente o contrário do que se pensa e sente. Quando se pensa e sente.

E mais ainda. Na minha cabeça não pairam de se acotovelar os exemplos. Ao filtro da memória e ao filtro da pequenina luzinha, da pequenina estrelinha, ainda que no breu da noite mais profundamente silenciosa, acrescentam-se outros truques da nossa magia metamórfica: o mais eficaz para alguns é o filtro da distância.

Quantas pessoas conheces que tiveram COVID19? Nenhuma... Há um primo de uma amiga... A avó de um conhecido, que... Mas isso foi em França. Ah, sim, e também uns parentes de uns amigos no Brasil. Pois é... Que maravilha. Embora estejamos todos com bastante medo (ele vai relaxando com o tempo e com a habituação – é esse outro filtro ainda! – e há que ter cuidado em não facilitar, mas bem prega frei Tomás...), a maioria de nós não está na linha da frente, nem na retaguarda dos da linha da frente (que é outra linha da frente, um pouco atrás...). E como não vemos as mortes, tal como numa guerra de além-mar (como a guerra colonial portuguesa), não fora o lembrete permanente na televisão, o obituário nacional, como um novo boletim meteorológico, quase seria uma música ao longe, um pano de fundo cinzento, um céu nublado, mas distante. Os males acontecem quase só aos outros, e longe. Os criminosos são os outros, os imorais são os outros, os que têm realmente má sorte (mesmo o pessimista diz isso de si para si) – são os outros. No fundo, toda a pessoa sã acredita que tem uma boa estrela. E portanto, “tudo vai ficar bem” (que *slogan* tão pobre! Mas enfim...). E ficará mesmo. Os mais dados a esoterismos dirão que a palavra tem poder, e o mantra do “tudo vai ficar bem” inevitavelmente trará a cura. Temos muitas dúvidas. Aliás, não temos dúvidas nenhuma. Repete o mantra e não laves as mãos. Prefiro a canção do “lava as mãos”, por cima da música do Carlos Paião. “Lava as mãos e serás alguém. Mesmo afónico lava bem” – estou a inventar, não me recordo da letra original, feita por uns profissionais ou estudantes de saúde, logo no início da pandemia por cá.

Uma amiga muito religiosa confessou-me uma fórmula milagrosa: lavar as mãos e, ao mesmo tempo que se ensaboia, rezar duas *Ave Marias* ou um *Pai Nosso*. Ela gosta mais das *Ave Marias*, que acabam mais depressa, e o *Pai Nosso* tem palavras mais enroladas...

Estamos, bem vês, acolchoados por várias camadas de ilusão. A caverna platónica não tem só defeitos.

Mas voltemos ao belo passado, em que, sim, havia muitos males. E se houvesse supermercados e ordenados para eles, será que não se gastaria do mesmo modo? Não façamos das fraquezas forças.

É mais subtil o que se passa com o Tempo. É mais subtil o que ocorre com as carreiras, os empregos, o trabalho.

Sim, este tempo não nos dá tempo. Suga-nos até ao tutano.

Sim, sim. Mas a culpa é do pobre indivíduo, casca de noz no oceano que o domina e sorve?

Sim, podia ir plantar batatas para atrás do Sol-posto, e ser pago por *dez reis de mel coado* por um Grande intermediário. E viveria bem? Teria tempo?

Ou se investisse num negociozinho pacato, frequentado por ninguém (vá lá, por dois ou três amigos, por caridade), não o espreitaria, serpente venenosa, a falência atrás da porta velha e carunchosa, de gonzos mal oleados?

Não podemos escolher ofícios médicos e afins, porque o espectro de opções de vida ou de morte, sobretudo perante a carência de meios de tratamento, ia mexer com as mentes mais escrupulosas. Quem quer transportar sobre a consciência o ter decidido desligar os tubos a um e não a outro? Felizmente em cada profissão há também filtros, que se chamam indicações médicas, leis, ordens superiores. Mas assim de fora, salvo o heroísmo atualmente reconhecido (e bem) aos anjos de bata branca (creio que já vi azuis e verdes, mas a cor pouco importa), talvez não sejam profissões a cobiçar pelo comum dos mortais – sobretudo porque são de risco. Até acredito que os escrúpulos de consciência de alguns cidadãos, pacatamente a beber cerveja diante da televisão e nem sequer em teletrabalho, serão um alibi comandado pelo medo da contaminação. Somos muito valentes por projeção. Quando nos toca a nós...

Ah, pois, no horizonte mental de quem clama por espiritualidade contra o terrível materialismo (a quem acompanho mil por cento em tese, mas não nos exemplos e na aplicação), talvez o ético, o puro, fosse mesmo ser professor.

Nobre ofício. Embora haja um profundo ressentimento social contra a intelectualidade e os professores (que são coisas diferentes). Ao ler os comentários do *Facebook*, ou de qualquer notícia *online* que fale de professores (assim como funcionários públicos, ou políticos – e mesmo até, antes da pandemia, profissionais de saúde) fica bem patente uma coisa triste: há muita gente que, de tanto ter a sua vida mal, de tanto se encontrar com ela revoltada, descarrega nesses bodes expiatórios a sua frustração. Isso de ter um emprego “seguro” dá uma raiva... “Seguro”, porém, só aparentemente: os professores vivem, em grande medida, boa parte da vida na corda bamba de irem para o desemprego, já para não falar do serem saltimbancos, sempre de terra em terra, muitos deles. Há mitos (não direi urbanos, porque tanto são urbanos como rurais... mania de palavras-feitas, essa) como o de ganharem muito, quando, engrossam o preconceito. Depois são as férias: a mania de que teriam imensas férias (assim como o pessoal dos tribunais)... Como se eles não trabalhassem nas férias... E também o horário: alguém com o juízo todo acha que um professor só trabalha o tempo que está diante de uma turma, na escola, ou, agora, numa videoconferência, em computador? Mas no caso dos professores há mais: eles simbolizam um traumatismo que muitos têm, por não saber. Alguém disse já que a reforma de Bolonha fora idealizada por maus alunos que se quiseram vingar.

O professor de hoje não é o velho da escola risonha e franca do poema sobre o estudante alsaciano. Nem creio que haja estudantes como o alsaciano, nos tempos que correm. Felizmente, os novos professores ainda não são o oficial do regime que substituiu, na fábula, o velhinho bondoso. Nem cãs e barba branca, nem austera pedagogia. À máquina de faz-de-conta, de resultados para inglês ver, chega o burocrata que preenche estatísticas, e nem por sombras desperta o sentido crítico dos alunos...

Não, não seria sendo professor que salvarias a alma. Vendê-la-ias ao diabo da burocracia por trinta dinheiros de um salário pobre.

Serei então eu quem criticará esses que, por não terem tido sinecuras, como outros, por não terem tido pais ricos e com conhecimentos na sociedade, por não terem tido oportunidades – ainda que de classe média, mas muito de classe menos que essa – Se tiveram que devotar a empregos desprezados, muito (e há várias formas de desprezo), em que trabalham horas a fio, dias a fio, uma vida toda a fio?

Não são de criticar porque ganharão – dizem, mas também o dizem dos funcionários públicos, e até diziam dos médicos e dos enfermeiros, até precisarem deles muito, ou com maior probabilidade – um tanto mais que os demais. E não se compreende que o mal é haver quem ganhe muito pouco, e não que alguém ganhe mais que o muito pouco?

Alguns ganharão mesmo, outros labutam como escravos, mas não ganham nada do que para aí se diz.

Sim, tiveram que abdicar de muita, muita coisa, no limite da vida. E para quê?

Não foram todos que o fizeram por ganância, e se deleitam com as futilidades de nível acima das do carrinho de compras que já me dá enjoo.

Não. Muitos fizeram-no apenas porque queriam fazer pela vida, e souberam fazê-lo. A sua competência, a sua dedicação, a sua inteligência, muitas vezes lhes vedou os empregos medíocres, onde se pode ser mais feliz, com menos, se se for bastante inteligente para não querer parecer inteligente...

Nunca ouviste falar em ser recusado por “excesso de habilitações”?

Nem todos podem ser artistas, e sobretudo artistas subsidiados ou ricos de nascença.

Nem todos podem ser filósofos, ou filósofos com lucros, ou herança familiar.

Nem todos podem ter as mãos limpas, mas porque afinal têm asas. Ou porque não precisam de mãos, porque os outros fazem o trabalho sujo por eles.

Mas há quem precise de usar as mãos. Ainda que seja as mãos do espírito... Oh, o que eu fui dizer. Mas sim: há mãos do espírito, como há medicina da cultura. E tem de haver cultura da medicina. Não são só jogos de palavras.

Indicam-me a pobreza digna?

Mas não é digna a pobreza que pede esmola.

Nem é digna a pobreza que se verga aos caciques.

E mais enrodilhada por dentro de afrontas e sapos engolidos, é aquela pobreza envergonhada, que anda na corda bamba da vida, sempre no risco de cair aos leões porque não tem rede.

Essa pobreza ténue, que é ciosa da sua dignidade imaginária (*pobre, pero honrada!*), mas a quem bastam dois dias de chuva para que caia na fome, ou um dia de baixa da bolsa para que se despenhe pela ribanceira agreste das cotações sociais das conveniências.

Apenas quem tivesse desafogo poderia ser livre, mas infelizmente quem o tem é presa, normalmente, e de que maneira, dos ardis que rondam os desafogados. Que neles se afogam.

Pois é, sim. É bela a *aurea mediocritas*. É belo e bom cantar o idealismo, quando se está quente em casa e lá fora chove... Um “lá fora” que só molha os outros, que até se tem dúvida que sejam humanos. Pelo menos não são como “nós”. Ah, os outros... Sempre os outros.

Eu, porém, sou irmão de todos, sem cinismo: tanto choro com o pobre, famélico, como com o aparentemente bem na vida, que não tem eira nem beira porque não tem tempo nem vida. E, mais que chorar, e providenciar um ombro, às duas causas me creio ligado, como pessoa do mundo que sou, Pessoa mesmo, para que reivindico maiúscula, e não apenas acanhado, tacanhíssimo avarento que só cuida da sua leira, e o pezinho magoado de uma qualquer Luisinha Carneiro, muito lá de casa. Ah, pezinho magoado, que já vale tanto como o nada que valem os descarrilamentos na Índia ou o Corona Vírus no Império do Meio, quando o Corona apenas andava lá longe, nessas longes terras. Sempre a distância.

Lamento, nada disso é coisa do outro mundo, *res inter alios*. São todas as coisas muito conosco.

Dizei-me, pois, então, que emprego reservareis (sem demagogia, vamos lá) aos contingentes que as universidades formam para satisfazer o ego dos que querem dependurar pergaminhos mágicos nas paredes, a dizer que são doutores, engenheiros e coisas que tais. Não, não sou pelos tempos a preto e branco em que ser doutor significava, só por si, estar na mó de cima da vida. Sou é por que ser doutor signifique saber-se ler e escrever, e contar, se não for pedir muito... Mas somos bombardeados desde cedo com o politicamente correto, que nos impinge verdades (verdades?) tão confortáveis...

A vida não é a preto e branco. Muito lamento. Como se diz hoje: “Temos pena”. Que expressão assassina. Não achas? Mas muito eficaz. Pulveriza o interlocutor. É bem reveladora do “vive e deixa morrer” dos nossos dias.

Hoje não vou engrossar o coro do anti materialismo. Evidentemente, não porque eu seja materialista, ou tenha, no meu modesto entender, alguma complacência sequer para com ele. Mas porque – como já se entendeu, nem sei porque estou aqui a repisá-lo, glosando o mote em várias voltas – se trata a meu ver de um anti materialismo inconsequente e apenas proclamatório. Não é, na verdade, verdadeiro anti materialismo, mas tem em alguns um cheiro a inveja. E noutros a retórica, para cair bem em alguns círculos. Resta sempre o residual grupo dos muitíssimo bem-intencionados, dentro do qual há um grupo mais seletivo ainda, a dos bem-intencionados sensíveis e inteligentes... Desses não curamos. Saudamo-los.

Partilho de algumas das preocupações desses vários grupos virtualmente coligados, ainda que se não suportassem, se tivessem que tomar um café que fosse juntos. Mas não é a falta de espiritualidade que está diretamente em causa. Isso é um outro problema.

Não temos tempo. Nisso, concordo. Mas a falta de tempo só tem sentido se soubermos aproveitá-lo. A pandemia atual demonstrou que há muita gente que não sabe o que há de fazer ao tempo. O ridículo é clamar-se contra a falta de tempo e depois, quando se tem tempo, ser-se um reformado antecipado: pasmado, e agora sem bancos de jardim para jogar cartas ou dominó. Talvez no desconfinamento progressivo, já haja de novo um povoamento dos jardins. Mas não quero pensar no que seja ir esbanjando o tempo de reforma envergando uma máscara cirúrgica.

Contudo, é preciso fazer uma ressalva importantíssima. Há quem tenha reformas luminosas, em que realmente consegue fazer o que não teve tempo para fazer antes. E que está mais ativo ainda que anteriormente: só que podendo escolher, e sem depender de horários, e sobretudo de patrões, diretos ou indiretos. Trabalhar como atividade criativa, até lúdica, é uma das maiores felicidades possíveis. Os que atacam os alcoólicos do trabalho esquecem essa possibilidade. É certo que alguns poderão ser

maníacos gananciosos. Outros, mentes limitadas que não têm diferentes horizontes senão um trabalho repetitivo e aborrecido. Porém, não é só. Há quem trabalhe muito porque verdadeiramente entusiasmado pelo desafio da investigação científica, da solidariedade, da cura, da criação artística, tantas, tantas coisas que são absorventes e não embrutecedoras. Embora, deva dizer-se, por mais interessante que seja um trabalho, é preciso levantar os olhos dele e olhar em volta. Há mais mundo, há mais mundos. E o repouso é fundamental. Aliás, muitas grandes ideias, por exemplo, conseguem-se a sonhar... Não vale a pena sequer citar o químico Kekulé, que descobriu a estrutura molecular do benzeno... a sonhar com serpentes entrelaçadas como se foram um caduceu.

É verdade, pois, reconhece-se a falta de tempo e a ausência de zonas verdes na cabeça de muitas pessoas.

E estamos a perder outras qualidades. Em boa medida, decorrentes da falta de tempo.

A delicadeza, por exemplo, sem tempo é exterminada ou esvai-se. O Bom gosto, a atenção, a compaixão, o sentido de justiça: tudo isso tem sido engolido pelo Ogro da falta de tempo.

Olhemos, todavia, antes de mais para nós mesmos. Fazem falta espelhos gigantes, o “conhece-te a ti próprio” do templo de Delfos levado à democratização prática. Perguntemo-nos, antes de perorarmos que o mundo está perdido: quantos de nós fomos capazes de talhar a fogo e dor, e sacrifício, um lugar ao sol em que empunhássemos a ampulheta de Cronos como nosso cetro soberano?

Clamamos contra os jovens, são sobretudo jovens, que tiveram de desenraizar-se de algum modo, na divisão internacional do trabalho, para irem exercer empregos que algures faziam falta.

Não sei se o enfermeiro português que cuidou sem dormir do Primeiro ministro britânico ganhou por isso mundos e fundos, duvido-o muito. Sei que fez um belo gesto, que a todos nós nos orgulha.

Não sei se a bordadora da bandeira americana feita para flutuar na lua nacarada, e que era também portuguesa, recebeu milhões por isso. Profundamente tenho razões para não acreditar. Mas não é bonito lançar um olhar romântico à lua, vendo nela o fio invisível do carinho das mãos habilidosas e inteligentes de uma lusitana?

Temos tido muitos políticos que têm sido guindados a altos postos internacionais. Quando estavas no estrangeiro, e num bar (quando havia bares abertos: mas agora os deuses nos livrem de abrirem tão cedo e sem vacina) todos se calavam para escutar o inglês claro e estruturado do Secretário-Geral das Nações Unidas, não se te encheu nunca o coração por saberes que é um português, e um português com coração?

Quem é o alvo da tua crítica, do teu ódio, do teu ressentimento?

O arquiteto que foi para a Suíça porque aqui não tinha emprego? O informático que foi para qualquer parte, porque o país estava tecnologicamente *down*? O gestor de empresas ou economista que viu alargarem-se os horizontes, para além de empresas familiares ou falidas, pensando que, entre trabalhar na sua terra para patrões estrangeiros ou para eles na terra deles, ou alhures, não faria tanto mal escolher a melhor posição – que nem sempre é apenas vil metal, frequentemente é o mais apetecível sonho.

Por detrás do discurso materialista e espiritual contra os jovens bem-sucedidos, não há só um rol de cadáveres de parentes que eles supostamente deixarem morrer sem terem visitado, ou casamentos que deixaram morrer ou rebentaram pela

pressão do só trabalho, ou de filhos que não conheceram e de que foram pais e mães ausentes e portanto traumatizaram para a vida toda...

Há um discurso alternativo. Não penses só num discurso dominante, ainda que apetecível, sobretudo apetecível porque fácil.

No pouco tempo que tiveram, no escasso tempo que iam roubando à sua dedicação integral ao labor, quantos ainda conseguiram atender à Família, sabe-se lá com que sacrifício? E quantos se ligaram a causas globais humanitárias, sociais, mesmo políticas? Já se contabilizou a ajuda em *clicks* dados de dinheiro a instituições que lutam no terreno por salubridade, paz, dignidade humana?

Não falando no impacto, maior ou menor, das petições assinadas. Dir-se-á que estes jovens, aparentemente alienados, nem sempre o são. Em muitos casos, a sua concentração no trabalho faz-lhes ver o mundo, e propicia-lhes formas alternativas de exercer a cidadania. Nem sempre, mas algumas significativas vezes.

Eles próprios adotaram, muitas vezes, estilos de vida eventualmente mais sustentados. Quanto deles não se tornaram veganos, praticantes de Yoga e outras coisas que antigamente só associávamos a culturas alternativas, marginais mesmo, com *slogans* de paz, amor, drogas e *rock'nd roll*, sem dúvida ainda condenadas pelas ortodoxias, mas que vão fazendo um sólido caminho, no mundo necessariamente plural, em que todos temos que viver. E conviver.

*Os paradigmas mudam*: é algumas vezes perigoso, mas verdadeiro, lugar-comum. Alguém dizia, não há muito (provavelmente é sabedoria de *Internet*), dos donos de bancos e afins, que eram pessoas finas, cultas, apreciadoras não apenas de bons restaurantes, hotéis e *resorts* (o que seria esperável), mas também de excelentes teatros, filmes, música, e até livros. A imagem do capitalista gordo, apoplético, de casaca como um pinguim e ligado à bomba de um Havano proeminente, esvanece-se. Os donos do mundo – gostaríamos de crer – não seriam pelo menos todos monomaniacos Tios Patinhas de simples acumulação.

Claro que os nossos jovens, mesmo os mais brilhantes, ganham migalhas que caem dessas mesas. Mas será mais reconfortante pensar que trabalham para quem venera a Cultura, e não vive no puro desperdício e no uso perverso do poder que o dinheiro dá.

Não se pode impunemente apontar à juventude mais promissora a regra do “Estuda e serás alguém” e depois mostrar-lhe que os alguéns do mundo só são os amigos dos tios dos primos das filhas das sogras das madrinhas (a ladainha é incompleta e arbitrária) dos que já têm o mundo. Insiste a memória do poema de Camões *Ao desconcerto do mundo*: “Os bons vi sempre passar / No mundo graves tormentos; / E para mais me espantar, / Os maus vi sempre nadar / Em mar de contentamentos. (...)”.

Eles acreditaram que poderiam ajudar o mundo, sinceramente caíram na armadilha do circo de Stromboli. Onde foram transformados em bestas de carga. Procurai, pois (vós que demandais os culpados), os Stromboli, não os pequenos Pinóquios. Pedi-lhes a eles contas.

E, entretanto, se tendes solução para um mundo em que imperam os Empresários dos grandes circos (o mundo atual é já um enorme circo), apontai-me um só gesto e afianço-vos que cairei de joelhos, convertido. Fazei melhor: dizei-me que emprego reservaríeis, por exemplo, a alguém como eu.

Vosso, muito dedicado,

*Fulano.*

## II

### Segundo Post

E aí, Mano, tudo legal com vc?

Só vc para escrever um tratado em forma de carta e postar assim no Facebook pros amigos. Respondo em mensagem privada, porque ainda prezo um pouco esse desprezado valor (talvez não seja valor, mas, e daí? Ninguém liga pra essas coisas... aliás, pra nada). Aposto que vou ser a única a responder, porque ninguém tá nem aí.

Ai, Fulano, vc é demais. Nem sei por onde começar. Mesmo assim, não queria te deixar sem resposta. A sua quarentena, vc aproveita para discutir espiritualidade e trabalho, especificamente a dos novos escravos numa sociedade desumanizada? Será que vc se identifica com eles? Acho que sim. Aí, nesse seu *homeoffice*, sem enxergar os seus patrões, vc se sente culpado pela grana que recebe todo o mês, e te dói não ter tempo para a balada e, afinal, para a simples vida. Mitou!

Olha uma boa razão para eu não mandar geral pra galera: medo te deixar numa saia justa, né? Mas olha que falo sério. Vc está fazendo uma apologia de vc mesmo. O texto é a sua cara, mano!

Vc se sentiu atacado, acochado, ameaçado. E veio em defesa própria clamar que os jovens yuppies (já é palavra meio old school, sei... mas a gente tem idade que chegue pra usar palavra meio careta – tão anos 70... Bom, então falo *nerd*, ainda é atual...). Olha. Por mim te absolvo. Ganha tua grana em paz e se mata nesse turbilhão. Vc na sua, eu na minha...

Vai que vc me arruma um trampo aí nessa empresa... Eu topo!

Falando sério: até que concordo que espiritualidade não tem nada que ver com pobreza. Salvo quando a riqueza é obstáculo a ela. São Francisco de Assis se fez *poverello* porque aqueles tecidos todos do pai, aquela grana toda, atrapalhava seu progresso interior. Mas, pelo menos no Ocidente, não vejo aí os pedintes pelas ruas e favelas levitar de espírito. Vejo, sim, caras que estão um caco e muitas vezes a miséria financeira simples vira miséria moral. O jeitinho (vc conhece o jeitinho brasileiro, né?) não é do rico, mano, é do cara normal, que tem que furar fila pra sobreviver, ou viver um pouquinho melhor. Aí vc tem razão. Mas gastar seu latim com tanta poesia, meu, vc quer biscoito. Quem vai te ler?

Por aqui, tem melhor remédio, viu? estou lavando as mãos, tomando uns trechos naturais da lojinha da esquina, e tenho feito academia em casa. Seguindo exercícios pela TV. Li uma pilha de romance que tinha acumulado (nada especial, nada nem seus gibis), e como estou desempregada (há tempo pra caramba), vou na piscina do Apê., desde que abriram de novo. Sempre procuro não comer demais... Me matriculei em cursinho online, mas é um saco. Olha, meu cachorro tá me consolando. E tenho estado o tempo todo online, claro. Ao menos a gente vê gente... Ou finge que vê. Tá pesado...

Bom desconfinamento aí, que por aqui a gente vai precisando de mais cheirinho de Alecrim, como pedia o Chico. E vai levando...

Beijão, *Sicraninha*.

### III

#### **Terceiro *Post***

Olá a todxs:

Olha, *Sicraninha*, você precisa de ter cuidado com os comandos das redes sociais, porque, aparentemente de forma inadvertida, recebi a sua mensagem privada para o Fulano.

Como somos todos amigos, pelo menos nesta rede, vcs se importam que eu comente?

*Beltrano*, vosso amigo virtual.

### IV

#### **Respostas (quarto e quinto *posts*) ao Terceiro *Post***

Nesse mesmo minuto, quer Fulano quer *Sicraninha* responderam:

– Oi *Beltrano*, tamo nessa. Chuta aí. Vou ter mais cuidado, sim. Valeu!

– Por favor, prezado *Beltrano*, sinta-se à vontade. Estou curioso dos seus comentários. E obrigado também, *Sicraninha*, pelas suas palavras, que mais logo comentarei com calma.

Respondendo, *Beltrano*, colocou o seguinte texto privado, estritamente para os dois:

### Sexto Post

Carxs:

Vocês conhecem-me mal aqui do Face, mas o destino nos juntou. Achei interessante a vossa troca de correspondência, e confesso que, por não ter mesmo nada que fazer (escrevo numa espera... e acho que vi demorar), vou contar-vos o que se tem passado comigo. Não sei se será útil, mas pelo menos é uma estória talvez curiosa. E uma história curiosa ajuda a passar o tempo, embora o Fulano não tenha tempo. Mas será mesmo que não tem tempo para “uma bela estória de amor e morte”? Não, lamento, não é bela, e não é de amor... E de morte, só como pano de fundo, ou... mas não me vou adiantar... É preciso *suspense*.

Com a Covid o mundo parou, não foi? Pois eu acho que sou o responsável por isso. Não é efeito literário, carxs. É mesmo. Lembram-se decerto daqueles filminhos de ficção científica em que uma menina feia e teimosa, só com o seu poder mental, causava males a quem a contrariava, além de, obviamente, mover cadeiras e dobrar colheres de metal? Pois eu sou assim. Desde criança que me habituei a comandar a minha vida. Eu sei, vcs vão dizer que, por vezes, também no meio de um sonho, são capazes de, com algum esforço e muita força de vontade, o dobrarem num ou noutra sentido. Mas comigo isso ocorria em vigília.

Não vos vou maçar com histórias rocambolescas. Como ganhava sempre nos jogos com os meus irmãos, não porque os distraísse, isso seria um truque psicológico normal. Não. Eu conseguia que as cartas dos baralhos se multiplicassem em trunfos para mim, ou as notas do banco imobiliário (monopólio) se reproduzissem ao meu olhar, sem que ninguém desse por isso. Toda a minha vida adivinhei exatamente o que iria cair nos exames. Não. Confesso que não: eu é que inspirava aos professores essas matérias. Eles escreviam nos enunciados apenas o que eu queria.

Nunca refleti muito a razão destes poderes. Aceitei-os. Talvez até no início eu, ingenuamente, não me tivesse dado conta deles. Também não sou capaz de vos assegurar se não terei pensado, em criança, se as regras do jogo da vida não seriam essas. Mas compreendi que não, com o filme da *Bela Adormecida* da Disney: quando as fadas, não concordando entre si com a cor do vestido da princesa, sucessivamente o vão pintando, pela simples magia das suas varinhas, ora em azul, ora em verde, ora em rosa... Até ficar tudo uma confusão. Se cada um de nós tivesse o poder de moldar a realidade à força de uma varinha mágica, ou, como no meu caso, do poder da mente, seria antes de mais, o caos. É preciso, para que o mundo tenha alguma ordem, que só muito poucos, muito poucos mesmo, tenham a capacidade de mudar a ordem natural das coisas.

Pois bem, eu tenho-a. Vou poupar-vos à descrição do aumento dos meus poderes. Como a função faz o órgão, é claro que com a prática fui aumentando os poderes. Obrigar alguém a dar-me o dinheiro que traz na carteira, infundir o desejo irresistível em alguém, isso eram coisas de crianças, que, aliás, vulgares magnetizadores conseguem, ao que dizem (porque, tendo um conhecimento inato, não frequente esses meios, nem quaisquer de artes ocultas...). Comecei a adestrar-me em coisas mais complexas. E de dimensão maior. Bruscas altas e quedas na bolsa, catástrofes aparentemente naturais, ou curas encontradas subitamente, tudo isso dependia apenas de uma simples visualização, com vontade de concretização. Não

andam errados os que dizem por aí que o segredo é querer e poder. O problema é que não é segredo nenhum. Depende é se tens o poder, ou não.

Eu tenho esse poder. E pronto, eu desejei que este vírus, que era um bichinho não muito ofensivo lá no seu início, na China, eu quis que ele fosse o agente de uma transformação mundial. Claro que Fulano, e tu, Sicraninha, claro que vós não acreditais. Também não vo-lo conto para que acrediteis. Entendei isto à maneira de uma confissão católica. Não penitente, até vaidosa. Era preciso que alguém o soubesse.

Como não tenho dificuldades financeiras, vagueio pelo mundo. Gosto de conhecer as pessoas. Tenho delas um vasto catálogo, num computador bem organizado. A melhor maneira de conhecer alguém é vê-lo numa situação de apuro, de poder, de intimidade recolhida. Um anel de Giges revela o escondido; a vara na mão, os sentimentos recalçados; o medo transfigura, ou melhor, faz vir à superfície o ego escondido na sua aflição. Tenho tido ocasião de presenciar essas situações todas. Deploro, com pena genuína, esta gente humana (talvez eu nem seja humano – não sei...). Mas ao mesmo tempo que, como disse alguém, sorrio ao ver que Jesus e Sócrates morreram por eles. Também tenho que reconhecer que é uma gente danada que, quando quer, comete grandes coisas. Olhem, apesar de tudo, agora com este vírus que eu metamorfoseei com o poder da minha mente: como das fraquezas se fizeram forças, como tudo se adaptou, como mãos se deram, mentes se uniram, e, em certos lugares, alguns souberam por de parte discórdias unindo-se pelo essencial. A luta por medicamentos e vacinas tem tido laivos de desespero, se a encarmos bem. É certo. Mas eu, que teria poder para, com uma simples mentalização, fazer esvair-se o mal, tenho que tirar o meu chapéu (que não uso... nem sequer uma barbicha diabólica) a esses frágeis seres (sopro ou sombra de um sonho, almas quase etéreas, de tão vulneráveis: como o meu vírus demonstra) que, chegando o momento, são capazes de se unir e de combater um desafio. Mesmo se o desafio é letal, e invisível, como este veneno que instilei no mundo. Evidentemente, há sempre por aqui uns loucos varridos e uns oportunistas. Mas isso faz ressaltar o bom senso geral da espécie humana, em que se destacam, contudo, uns espécimes pouco evoluídos... São uma espécie de simétrico de mim, provando, por contraste, a minha existência. Digo-o, com a serenidade objetiva de um Dr. Spock do *Star Trek*. Sem a mais leve vaidade... Aliás, só é vaidoso quem precisa de pôr-se em bicos de pés para obter uma altura que sabe de antemão não possuir.

Não foi por maldade. Não é que eu precise nada de me desculpar. Só quero que me entendam: a minha intenção foi, é certo, abrupta, violenta, mas totalmente generosa. Idealizei-a a partir do que fui vendo e ouvindo. A Humanidade precisava do vírus, deste vírus.

Pensareis decerto que a minha intenção foi unir a espécie humana, dando-lhe uma razão para maior solidariedade? Não. Que procurei uma causa evidente em que se visse a falência do sistema de capitalismo agressivo, dito neoliberal, ou coisa mais requintada? Nada disso. Que, ao menos, mas nessa mesma linha, queria fazer evidente que os Estados precisam ser fortes, pelo menos com robustez social, porque a natural sede de lucro e egoísmo dos simples particulares não consegue arcar com desafios de tal envergadura social? Nem sequer foi isso. Ou então, mais ecológicos, direis que, provocando confinamentos, estava a querer dar um exemplo de medidas ambientais, de redução de emissões tóxicas, etc.? Não, não, não.

Agora, deixei-vos perplexos. E sem dúvida que já estareis a magicar que afinal eu sou perverso demiurgo, que brinco com o infortúnio, ou um anjo de morte, que me regozijo com tombarem humanos aos milhares, depois aos milhões, um imitador do Apocalipse, ou, quiçá, um arauto ou executor das trombetas divinas do fim do Mundo.

Não, não, não há nada de escatológico na minha ação. E sei que este mundinho em que vivemos não vai acabar amanhã. Ficai descansados.

Insisto. Tudo fiz e mantenho por puro altruísmo e vontade de vos ser útil.

Até posso conceder essas coisas de benefício do ambiente, fim das guerras e que tais. Mas o que mais me motivou foram as pessoas.

Não vos choqueis. Vou contar-vos o que me inspirou em concreto.

Esculápio Salvador é um médico de aldeia, completamente ignorado. Formou-se na capital do seu estado com altíssimas notas; podia ter ficado interno num hospital de topo, assistente na Faculdade de Medicina, mas não quis. Voltou para a sua terra natal, porque era ao lado dos seus que queria estar. Lembrais-vos da estória de Dias Gomes, *O Bem Amado*? Pois é. Houve mesmo uma telenovela. Naquela terrinha onde era Prefeito Odorico Paraguaçu, não morria ninguém para que se pudesse inaugurar o cemitério. Lembrei-me do Esculápio. Ele tinha em si a semente pulsante da dádiva. Mas, na sua Sucupira querida, não havia doentes de monta. Dei-lhe a pandemia e agora, com nenhuma condições, morrem como tordos. Esculápio vai morrer também. Contraíu COVID 19 na frente de combate. Ele está feliz, porque salvou muitos, os que pôde. E a sua vida encontrou, realmente, o sentido que ele sempre tinha sonhado. Não fiz eu bem?

A D. Pulquéria Santos é uma brava nonagenária, a quem a família não prestava atenção. Vivía com os seus gatos e os seus livros (tinha sido professora). O seu cabelo de prata refulgente impressionava ainda as pessoas, por quem passava na rua, todos os dias, para fazer compras. Confiava pouco numa empregada tagarela, desbocada mesmo, e as mais importantes fazia questão de as fazer pessoalmente. Falava alegremente com toda a gente, e, já septuagenária, tinha tido uns tantos sérios pretendentes, que nela viam ainda não só beleza, como uma graça e uma inteligência nimbadas de simpatia e até juventude – o que é um segredo e um mistério dado a poucxs. Ainda recebia galanteios elegantes de senhores respeitáveis, e cumprimentos meio invejosos de amigas completamente decadentes. D. Pulquéria vivia muito bem, com uma saúde de ferro e uma boa disposição a toda a prova. Mas tinha uma mágoa secreta: os filhos, ambos empresários de muito sucesso, raramente a contactavam. Chegavam a faltar ao aniversário dela. Não por mal, claro. Mas porque (aí tens razão, caro Fulano) não tinham mesmo tempo para respirar.

Pois bem. Com o vírus, como muita gente, D. Pulquéria, que tinha alguns estudos de biologia, meteu-se em medos e começou por colocar a empregada em quarentena (pagando-lhe, como é óbvio, o salário por inteiro – o que muito agradou à dita). E fechou-se no seu apartamento, numa torre de 20 andares numa cidade anónima. A princípio, só com ela se comunicava por elevador. A ele descia equipada de luvas, bata, máscara e viseira. Mas encontrou a felicidade. Com o seu computador antigo, um Mac dos que já estão nos museus nos EUA, começou exercícios diários de contacto com amigxs de infância, colégio, faculdade, e sobretudo com os filhos. É muito curioso que, mesmo em teletrabalho de comando, com tentaculares quefazeres, estes começaram não só a responder à mãe, como a conversar com ela por tempo real, e não apenas brevíssimamente para marcar o ponto. Não foi só felicidade do lado da velhinha dinâmica. Foi-a também da parte deles. Antes, estavam realmente desenraizados. O contacto significativo com a mãe, a longa conversa, levou-os para outras regiões do ser, para uma espiritualidade (laica, se quiserem), porque lhes devolveu uma réstia, ao menos, do sentido da vida. Começaram a adiar reuniões *online* para estarem com a mãe, e até já faziam videoconferências a três, em que memoravam o passado que fora feliz, ainda o pai era vivo, e melhor: a planear férias em conjunto quando a pandemia passasse. Por estes três, também não estou arrependido.

Há múltiplas estórias do gênero. Olhai outra. Tristão e Julieta são dois namorados modernos. Conheceram-se na *Internet*, viviam em países distantes, têm carreiras fulgurantes que não lhes deixam tempo senão para férias fugazes juntos, ou mais vertiginosos fins de semana onde alternam quem dá a volta ao mundo para ver o outro. Claro que, aparte esses fugazes encontros e muitas saudades de permeio, as coisas não iam bem, não iam nada bem. Como pode haver namoro telemático? Pois com o confinamento ficaram os dois em teletrabalho. Solução fácil: mudou-se Tristão (porque é um cavalheiro) para casa de Julieta, e estão já à procura de uma casa maior. Não, por estes dois, também não me arrependo.

Até mesmo pelo Gonçalinho, que é um menino inteligente, simpático e gordinho, que não gosta de contrariar ninguém, e que é muito prejudicado pelos irmãos e pelas irmãs, que abusam dessa candura e boa vontade. Para não falar do *bullying* na escola. Nem vos vou relatar as humilhações e torturas que sofria, com total desinteresse dos funcionários e professores, que, de tantas, já nem ligavam a essas coisas – contra ele ou contra outros.

O Gonçalinho é um menino estudioso, obediente, e muito injustamente castigado por todas as travessuras que os irmãos e colegas de escola armam, atirando-lhe sempre com as culpas para cima. Com o confinamento, ficando a mãe divorciada com três crianças em casa, todas pequenas, como ele era o mais confiável, decidi mandá-lo para casa de uma irmã, uma tia solteira, aliás madrinha dele. A tarefa de domar os outros ficava mais fácil, apesar de dura, sem sentir que o bode expiatório e bombo da festa estivesse ali sempre pronto para apanhar. Gonçalo, bonzinho, chegou a ter saudades. Mas é vê-lo agora, desabrochando. Já não é sovado e constringido na escola. Assiste às aulas, atento, pelo computador, faz os TPCs com cuidado e a horas. Não tem que suportar os colegas torturadores. Parece que cresceu. E está muito feliz, tendo finalmente encontrado ar para respirar. Mesmo que sempre saia de máscara à rua, para passear o cão. Finalmente tem um cão para passear e acarinhar. Vai ser um Homem. Por ele, não me arrependo.

O Dr. Fausto (não, não é o da ópera) não conseguia terminar a tese de doutoramento. Era um viúvo pesadão, sem filhos, a quem a morte da esposa tinha destroçado. Apanhara-o numa fase crucial da elaboração da dissertação, e desde então entrara num estado de letargia. Um sonambulismo mal lhe permitia conciliar as aulas na Faculdade com os trabalhos domésticos. Não tinha, professor que era, dinheiro que sobrasse para alguma ajuda, senão uma vaga empregada uma sexta-feira por semana, que se aproveitava dele cobrando-lhe muito por pouco mais que limpar o pó.

Fausto vivia uma vida cinzenta, com algumas latas de cerveja e uns filmes da Netflix, quando não passava o tempo num sono mesclado de cigarros e comprimidos soporíferos. Deixara-se engordar bastante, embora ainda se adivinhassem por detrás dessa adiposidade exterior, o antigo atleta que fora (fizera natação – poucos o diriam, porém). Pois o milagre aconteceu. Tomado de medo pela neurastenia do confinamento, Fausto mentalmente gizou um rigoroso plano de trabalho. Levantava-se com o cantar do galo, fazia ginástica (embora suave, que muito não podia) e como as aulas eram só por vídeo, poupava as longas filas de trânsito para a Faculdade (porque morava numa habitação pobre, num subúrbio). Decidiu também que escreveria 5 páginas por dia, pelo menos, da dissertação parada há anos. Foi no dia 11 de março que começou. Já passaram mais de 3 meses, e em breve atingirá 500 páginas, o que, para os usos modernos, e mesmo contando que a sua área é das “Humanas”, já é muito razoável. Eu não vos devia dizer, mas acho que outro dia, quando, mesmo com máscara e luvas, ia colocar o lixo, se cruzou com uma vizinha que se havia mudado para o prédio há pouco. Uma senhora discreta, mas misteriosa, que lhe lembrou uma personagem de um dos romances que Fausto analisa na sua tese. Quando um romance

nos insinua o romance, é caso sério – sobretudo se se é um literato. Não vos conto mais, mas por Fausto e Margarida (acho que é assim que ela se chama) eu claramente não estou arrependido.

Castor e João Paulo são um casal interétnico e *gay*, o primeiro negro e o segundo branco (tenho que dizer assim, para ser compreendido: os eufemismos e os altos tecnicismos classificatórios não atingem toda a gente – e sempre se corre o risco de uns grupos excomungarem outros por desinências lexicais). A vizinhança, de um bairro muito tradicional e envelhecido, tolerava-os, porque era tudo gente burguesa e educada, e eles eram ambos muito delicados e discretos. Contudo, sentiam um frio metafísico, por exemplo quando chegava o Natal. Nem uma palavra, de boas-festas, nem um cartão (virtual, claro), nada. Outro dia a D. Eleutéria, que era de origem grega, vizinha do andar esquerdo, que sempre os tratara com distanciamento social (na verdade, algum evitamento), e até se sentia desconfortável por um tal casal ter dinheiro para uma renda tão alta (ela não pagava renda, era proprietária). Mas Castor e João Paulo eram intelectuais bem-sucedidos, que a roda da fortuna tinha bafejado: um era um artista plástico de muito êxito, o outro bailarino numa Companhia de grande renome. Isso, evidentemente, não entrava muito nas cabeças de quem em geral concebe o dinheiro bem ganho como uma relação muito básica entre o preço e o lucro dos secos e molhados. Mas, apesar dos seus preconceitos, D. Eleutéria não gostava de confinamento. Sentia falta de ar... E um dia, que não era belo, mas cinzento, foi atacada pelo demónio do meio-dia, e pôs-se a gritar, na varanda. As varandas dos dois apartamentos eram contíguas. Os dois artistas estavam na sua, tomando um cocktail carinhosamente elaborado, degustando cada gota desse néctar divino, quando deparam com a vizinha naquele sinistro anúncio de suicídio, grito que é canto de cisne, antes de se precipitar pela varanda. Não suportava mais estar encerrada.

Já tinha galgado meio do varandim de ferro forjado. De pronto, agilíssimos e atléticos que eram, os dois se precipitaram para o balcão e, agarrando-a com força, mas delicadeza (coisa que requer alguma arte, sobretudo em situações extremas), levaram-na para o seu próprio apartamento. Aí, chamaram discretamente os serviços médicos, enquanto, com todos os cuidados, lhe serviram um chá de cidreira ou camomila, e a procuraram distrair, mostrando-lhe discos antigos, que a fizeram recordar a juventude... e a liberdade.

A peripécia soube-se no prédio. Sei que no próximo Natal eles vão ser convidados para a casa de Dona Eleutéria, e os vizinhos, quando os veem no turno de passeio dos animais, já os cumprimentam com um sorriso. Por eles eu voltaria a fazer tudo de novo.

Acabo com uma estória mais sombria. Mas é preciso, também. É a realidade multifacetada. Leal e Graça eram um casal medianíssimo, com dois filhos, como todos os antigos casais, na casa dos cinquenta, com empregos aborrecidos, muito aborrecidos, chefes intragáveis, pedantes, prepotentes, e estúpidos, ainda por cima eles próprios incompetentes e sempre prontos em descarregar nos subalternos mais trabalho e as culpas. Não tinham nenhum gosto no que faziam, mas arrastavam a carga porque, como tantos outros, tinham que criar os filhos. Valia-lhes que as crianças eram razoavelmente dóceis, razoavelmente espertas, razoavelmente aptas a ser o seu orgulho. Daí que um e outro puxassem de telemóveis para mostrar “que pulo eles tinham dado” nos últimos tempos, e fazer alusão a que eram “dos” melhores da classe. Não os melhores, *dos* melhores. Esse “d” que fazia a diferença e os tranquilizava na fidelidade à verdade, um valor que prezavam. Eram pessoas de bem. Jamais matariam o mandarim, se eu ou qualquer serpente os viesse tentar. Porém, neste período, duplamente foram brindados com o som da sineta que mata os mandarins.

O primeiro a tombar foi o chefe de Graça. Tinha ido em viagem de negócios a Itália, e certamente numa grande feira na Lombardia, o vírus dele se apossou e não houve cuidados intensivíssimos que lhe valessem. Foi-se, diz-se que com uma morte inglória, nem sequer de estertor muito longo ou doloroso que se pudesse deplorar. Não teve ninguém no funeral.

Isso promovia Graça ao posto do chefe, o que seria ainda melhor em teletrabalho. Mas a cereja no cimo do bolo estava para vir. E nisto, vejam, não há qualquer perversidade. Há apenas a sorte, que aqui correu muito bem.

Leal era de uma família aristocrática muito decaída (empobrecida) ao longo dos séculos. Contudo, havia um ramo esquecido, pronto ao *deus ex machina* dos finais felizes. E o penúltimo elo da cadeia era uma tia-bisavó a cair de velha, não sei se boa se má (não contaminemos isto de éticas), que foi contagiada porque não lavou as mãos. Não sei em que tocou. Não sei como o sinistro veneno se introduziu no seu castelo, muralhado de higienizações, e com um batalhão de médicos e enfermeiras de guarda. Não sei, nem quero saber. A senhora finou-se e, com alguma demora, porque a notificação veio pelos Correios, que estão cada vez mais lentos, lá chegou uma carta a comunicar que Leal era o único herdeiro de uma pequena fortuna. Uma pequena grande fortuna.

Agora Leal e Graça têm pela frente um dilema. Que coisa tão bela, os dilemas das Pessoas! Vão ter que sofrer o que os economistas chamam, pomposamente, o custo de oportunidade, e os moralistas designam por livre arbítrio. Ou eles (ou um deles) continuam nos seus empregos, e Graça exerce a liderança (com novos desafios, profissionais, pessoais e familiares), ou então decidem de algum modo viver dos rendimentos, ou pelos rendimentos. Podem, por exemplo, decidir montar os seus próprios negócios, ou fundar uma ONG... Agora podem escolher numa base de maior liberdade. Sendo boas pessoas como são, isso não lhes garante qualquer espiritualidade à partida. Mas como têm as suas necessidades materiais satisfeitas, de uma forma ou de outra, se não se lançarem em negócios temerários, podemos até efabular que se podem dedicar mais a cultivar o espírito. E se, num golpe de teatro, pelo menos depois de criados os filhos, aderissem a uma Ordem religiosa séria, ou decidissem missionar pelo Mundo? O interessante na fortuna é que permite liberdade... por isso, concordo um pouco contigo, meu Fulano amigo. A tia tetravó morreu? Sim, é uma pena. Mas quanto tempo duraria ela, sem o vírus? O que é louvável, se quiserdes moralismo, é que Leal e Graça não lhe desejaram a morte, não pensaram na herança e não tocaram a sineta que mata mandarins, mesmo a muitos quilómetros de distância. Quanto ao Lopo, sim, Lopo chefe lobão, predador, desse eles não só não tiveram pena, como, mesmo sendo muito boas pessoas, não se pode dizer que, num escaninho qualquer do seu coração, não tenham desejado que um dia desaparecesse. Mesmo assim, não lhe desejaram a morte. Apenas a alma eufemística dos bons lhes permitiu que quisessem que sumisse. E ele foi-se.

Não vou maçar-vos mais. Claro que há gente a morrer com grande sofrimento, que há a angústia de quem tem que decidir quem vive e quem morre (apesar das indicações médicas abstratas), que há desemprego, falências, mil dramas financeiros, económicos e sociais. Mas eu sou um génio das pequenas coisas, das pequenas causas, das pequenas pessoas. E desta vez esta gente merecia ou uma pausa, ou uma oportunidade. E por isso pensei, e fiz.

O Destino ou os deuses não me deixam atuar impunemente. Como vedes, afinal foi uma grande estória de amor e morte. Escrevo-vos do hospital. Tudo o que se faz, mesmo com especiais poderes, como os meus, tem um preço.

- Sim, senhora Enfermeira. Sim... Sim... Compreendo. Obrigado.

Dou-vos a notícia em primeira mão: testei positivo para o Coronavírus. E não me é permitido visualizar a cura...

Mas olhai que já cumpri a minha missão. Já fiz muito bem por esse Mundo. Não é fascinante provar o próprio veneno?

Recebido para publicação em 25-09-20; aceito em 01-10-20